

**XVI CONGRESSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DE
VOLTA REDONDA 2025**
ESPORTE PARA TODA A VIDA



Explorando o cotidiano escolar pelas práticas de aventura: uma análise à luz do paradigma indiciário

Calebe Prado da Silva¹; 0009-0005-0417-2226
Fábio Fagundes de Almeida Filho¹; 0009-0008-6689-2749
Jorge Francisco Lessa¹; 0009-0001-0724-1435
*Gabriel Gonçalves Lessa Candido*¹; 0009-0007-3837-3020
Evandro de Jesus Ferreira²; 0000-0003-4624-8880
Cassio Martins^{1,3}; 0000-0003-1851-9268

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

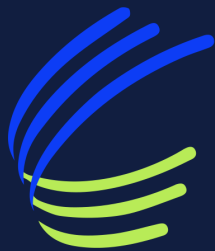
gabrielg1c@hotmail.com

2 – Prefeitura Municipal de Rio das Flôres, RJ.

3 – UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Resumo: O estudo investiga a inserção das Práticas de Aventura na Educação Física escolar a partir das diretrizes da BNCC, analisando trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho – Escola dos congressos CONBRACE e CONICE (2019-2024) sob a perspectiva do Paradigma Indiciário de Ginzburg. Trata-se de uma revisão bibliográfica descritiva que buscou evidências sobre como essas práticas vêm sendo incorporadas ao cotidiano escolar. Os resultados revelam uma presença ainda limitada das Práticas de Aventura, embora crescente, e marcada por desafios como a precariedade de infraestrutura e a falta de sistematização conceitual. A análise destaca o uso de metodologias qualitativas e a improvisação de materiais, que podem ser vistas tanto como estratégias criativas quanto como reflexo da omissão do Estado. Também se identificam variações terminológicas no campo, refletindo disputas epistemológicas e concepções distintas sobre corpo, risco e formação. Conclui-se que a adoção da expressão “Práticas de Aventura” oferece uma abordagem mais ampla e culturalmente situada, mas sua efetivação requer investimento público, formação docente e valorização das experiências escolares.

Palavras-chave: Educação Física; Práticas de Aventura; BNCC; Paradigma Indiciário; Cotidiano Escolar.



INTRODUÇÃO

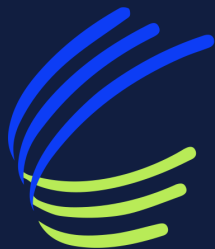
A compreensão das Práticas de Aventura (PA) no contexto da Educação Básica (EB) exige uma retomada do marco legal da educação brasileira, iniciando-se pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), que, já em seu artigo 26, previa a elaboração de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), respeitando as particularidades culturais e regionais de cada comunidade escolar. A BNCC, instituída oficialmente em 2018, é um documento normativo que define os conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver, sendo referência obrigatória para os currículos de escolas públicas e privadas (Brasil, 2018).

Assim, no âmbito da educação física escolar, a BNCC reconhece esse componente como promotor da cultura corporal de movimento e das diversas formas de significação social do movimento.

Nesta linha de pensamento, de acordo com Le Breton (2021), relata que a corporeidade deve ser entendida como um fenômeno social e cultural, permeado por significados simbólicos e representações, sendo o contexto social e cultural no qual o indivíduo está inserido o elemento que orienta e dá sentido à sua relação com o mundo.

No entendimento de Callaj, Becker e Sawitzki (2019), a BNCC representa um avanço em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ao inserir a Educação Física na área de Linguagens também no Ensino Fundamental, juntamente com disciplinas como Língua Portuguesa, Artes e Língua Estrangeira Moderna. Para os autores, essa inserção amplia a compreensão do movimento humano como linguagem e expressão cultural, indo além da dimensão biomecânica do corpo.

A BNCC inclui, entre suas unidades temáticas, as Práticas Corporais de Aventura (PCA), compreendidas como atividades caracterizadas pela imprevisibilidade e pelo enfrentamento de desafios impostos pelos diferentes ambientes. Na literatura especializada, é comum o uso de termos como Esportes de Aventura (EA), Atividades Físicas de Aventura na Natureza



(AFANs) e as Práticas Corporais de Aventura (PCA) (Costa, 2000; Bétran; Bétran, 2006; Paixão, 2010; Araújo, 2012; Auricchio, 2013; Inácio et al., 2016).

No entanto, este estudo adota a expressão PA, por considerá-la mais adequada do ponto de vista epistemológico e cultural, em consonância com autores como Sombra e Alves (2022), Sombra, Martins e Alves (2023), Ferreira (2024) e Alves (2025). A opção pelo uso de Práticas de Aventura ainda se aproxima das discussões referentes a noção de “Prática” proposta por Mayol (1996, p. 39). Para o autor, a prática é uma tessitura “mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos [...] passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizado dia a dia através dos comportamentos”.

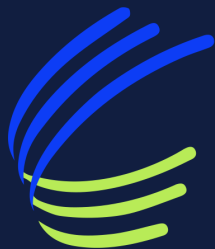
Historicamente, as Práticas de Aventura acompanham a humanidade desde seus primórdios. Para Da Silva, Triani e Do Nascimento (2020), essas manifestações estão presentes desde a antiguidade.

A esse respeito, Pereira (2008) e Cantorani e Pillatti (2005) também destacam que ações como subir em árvores, nadar em rios ou caminhar longas distâncias foram experiências marcantes na formação da relação do ser humano com a aventura.

À luz dessa perspectiva, observa-se que as Práticas de Aventura passaram a integrar, de forma mais evidente, o cotidiano escolar em um intervalo relativamente curto de tempo, a partir da promulgação da BNCC. Diante desse cenário, emergem questionamentos relevantes: de que maneira os professores de Educação Física têm se apropriado dessas práticas no contexto escolar? A BNCC oferece, de fato, subsídios consistentes para que as Práticas de Aventura sejam desenvolvidas de forma efetiva na Educação Física escolar?

MÉTODOS

Nesta pesquisa optamos por utilizar uma revisão bibliográfica, que se destaca por fornecer aos profissionais de qualquer área, informação sobre o desenvolvimento corrente da ciência e sua literatura” (Figueiredo, 2004, p. 23). Para Gil (2010), este tipo de estudo permite



descrever características, “propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada” (p. 62).

Neste estudo específico, buscamos compreender, a partir dos trabalhos publicados no Grupo de Trabalho – Escola do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e do Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) como estão se desenvolvendo as Práticas de Aventura realizadas no cotidiano escolar. A escolha do referido evento deveu-se da inserção deste espaço científico no campo da Educação Física. Como critério de inclusão, instituímos artigos completos na modalidade apresentação oral publicados nos eventos de 2019 a 2024, o recorte temporal se deve pela inserção das Práticas de Aventura na BNCC.

Pressupostos Metodológicos e Epistemológicos

O Paradigma Indiciário Ginzburg (1989) nos propiciou o mergulho nas publicações investigadas no intuito de encontrar pistas/evidências sobre as Práticas de Aventura no cotidiano escolar.

Tal lógica investigativa, Paradigma Indiciário opera a partir do Paradigma Venatório, relativo à caça e ao seu universo - e o Divinatório, relativo à adivinhação ou aos instrumentos dessa prática, permitindo acessar fatos aparentemente insignificantes (pistas, indícios).

A esse respeito, Ginzburg (1989) parte do pressuposto de que o ser humano ao nascer em uma cultura enredada por caçadores e, tendo sido o primeiro a ‘narrar uma história’, desenvolveu uma maneira de transmitir uma série coerente de eventos ocorridos de forma detalhada, a partir da habilidade de ler, nas pistas insignificantes, a trilha percorrida pela caça. Decifrar ou ler as pistas dos animais são metáforas para se reportar a um modo de fazer a investigação acompanhando o modo como os detalhes minuciosos do cotidiano revelam as teias dos acontecimentos sociais (Rodrigues, 2005).

Assim, o método nos permitiu caçar pistas, sinais, indícios sobre as PA publicados nos estudos do CONBRACE/CONICE através do GTT Escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 01 apresentamos o levantamento quantitativo no que se refere as Práticas de Aventura publicados nos eventos que se sucederam entre os anos de 2018 e 2024.

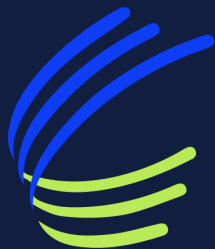
Tabela 01 - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) - Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE)

Cidade sede	Ano	trabalhos publicados	Total de trabalhos GTT- Escola	Aventura no GTT- Escola	Oral
Natal/RN	2019	1068	342	5	2
Belo Horizonte/MG	2021	718	158	3	2
Fortaleza/CE	2023	1029	62	3	1
Total		2815	562	11	5

Fonte: Próprios autores (2025)

Conforme apresentado na Tabela 01, os dados referentes às edições realizadas em Natal/RN (2019), Belo Horizonte/MG (2021) e Fortaleza/CE (2023) revela um total de 2.815 trabalhos publicados. Na edição de 2019, o evento destacou-se com a apresentação de 1.068 trabalhos, dos quais 342 vinculados ao Grupo de Trabalho (GTT) da Escola. A quantidade de trabalhos destacando a Aventura no GTT-Escola, totalizou 5, além de 2 apresentações orais e 3 pôsteres. Em 2021, comenta-se uma redução, com 718 trabalhos publicados e 158 provenientes do GTT-Escola, sendo 3 na temática de Aventura, 2 orais e 1 pôster. Já em 2023, foram publicados 1.029 trabalhos, com 62 no GTT- Escola, sendo 3 na categoria Aventura, 1 orais e 2 pôsteres.

Esses números indicam uma variação no interesse e na participação ao longo dos anos, com um pico significativo em 2019. A redução no total de trabalhos em 2021 pode refletir diversos fatores, como por exemplo a pandemia de COVID-19, que afetou eventos acadêmicos em todo o mundo. Entretanto, o aumento de publicações em 2023 sugere uma



recuperação e um retorno do engajamento da comunidade científica. Podemos perceber que, o referido evento continua a ser um evento relevante, fornecendo uma plataforma para a troca de conhecimentos e experiências entre profissionais e acadêmicos no campo da Educação Física.

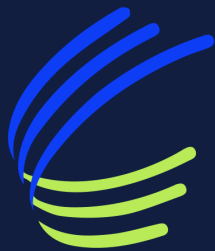
Desvendando o caminho.

Nos estudos analisados, percebe-se uma forte valorização das metodologias qualitativas, especialmente por meio da observação direta, da observação participante, dos relatos de experiência, das entrevistas e dos diários de campo (Silva *et al.*, 2023; Guiotti; Inácio, 2023). Essas estratégias metodológicas revelam afinidades com o paradigma indiciário, pois permitem captar elementos subjetivos e contextuais que são frequentemente desconsiderados por métodos quantitativos e generalizantes.

Ginzburg (1989, p.143) afirma que "os indícios revelam aquilo que o olho desatento não vê", o que se relaciona com o modo como os pesquisadores captaram as percepções e reações dos alunos durante as vivências das práticas. Essa atenção aos elementos singulares das experiências escolares como o medo, o entusiasmo ou a resistência dos alunos reforça a importância de uma abordagem interpretativa e sensível às nuances do cotidiano escolar.

Ademais, a utilização de espaços alternativos para a prática das atividades (como áreas verdes, pátios e ginásios adaptados) e a improvisação com materiais acessíveis (barbantes, cones, cordas, entre outros) revelam uma leitura atenta do contexto e da realidade escolar, configurando-se como indícios das condições estruturais enfrentadas por professores e alunos (Silva *et al.*, 2023; Inácio *et al.*, 2019).

É necessária cautela ao enaltecer o uso de materiais alternativos como gesto criativo, pois tal prática pode mascarar o abandono crônico do Estado quanto ao financiamento da educação, sobretudo no que tange à infraestrutura escolar. Essa omissão tende a romantizar a escassez, responsabilizando o professor por fazer milagre com poucos recursos, em vez de impulsionar a luta por políticas públicas eficazes (Novaes; Triani; Telles, 2023). A inserção

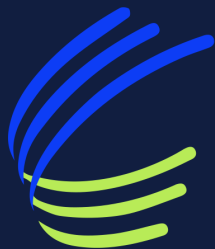


das práticas de aventura na BNCC, nesse contexto, revela contradições entre o discurso inovador e a realidade precária das escolas públicas. Como destacam os autores, Novaes; Triani; Telles, (2023), a escassez tem naturalizado a pedagogia da sucata, na qual materiais improvisados são tratados como soluções. Essa lógica neoliberal de fazer mais com menos transfere ao docente a responsabilidade estatal e aprofunda desigualdades. Assim, ao invés de promover uma formação crítica e emancipadora, a BNCC contribui para a precarização da Educação Física.

Apesar das aproximações observadas, identificamos divergências significativas em relação aos estudos analisados. No trabalho de Inácio *et al.* (2019), por exemplo, há uma ênfase em procedimentos metodológicos de natureza quantitativa, como a aplicação de questionários de múltipla escolha e a utilização de análises estatísticas descritivas. Embora esses instrumentos contribuam para mapear aspectos gerais do cotidiano escolar, mostram-se limitados quando se trata de compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Como ressalta Larrosa (2002), a experiência demanda tempo, silêncio e escuta ela é aquilo que nos modifica, nos interpela, nos toca. Elementos fundamentais para que algo nos aconteça de fato e nos transforme. Quando tais dimensões são ignoradas, perde-se a potência formativa da experiência, reduzindo-a a dados que não revelam a profundidade do vivido.

Além disso, parte das produções analisadas restringe-se à descrição das atividades realizadas, sem aprofundar a análise das contradições, silêncios e tensões que atravessam a inserção das Práticas de Aventura na escola. Como propõe Ginzburg (1989), é precisamente nas lacunas, nos detalhes e nas expressões aparentemente marginais que residem os indícios mais reveladores do tecido social e cultural. A ausência de uma atenção sistemática a esses elementos evidencia um certo distanciamento em relação ao paradigma indiciário como ferramenta epistemológica.

Observa-se a recorrência de conceitos como risco calculado Souza *et al.*, (2021), imersão e envolvimento Silva *et al.*, (2023), desafio e autonomia Guiotti; Inácio, (2023), além de hibridismo e expressividade Sousa *et al.*, (2023). A presença desses termos indica uma

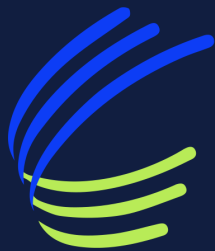


ênfase nas dimensões subjetivas e sensoriais que caracterizam as Práticas de Aventura. Tais noções apontam para uma concepção de ensino-aprendizagem que ultrapassa a mera execução técnica das atividades, valorizando a experiência vivida pelos sujeitos em sua totalidade corpo, emoção, percepção e reflexão. Essa abordagem sugere que o processo educativo é compreendido como uma experiência estética, no sentido de provocar sensações, afetos e sentidos que contribuem para a formação integral dos estudantes.

A literatura especializada apresenta uma diversidade terminológica significativa: Esportes Radicais Uvinha, (2001), Esportes de Aventura Costa, (2000), Atividade Física de Aventura na Natureza Betrán, (2003), Práticas Corporais de Aventura na Natureza Inácio, (2016) e Práticas Corporais de Aventura (BRASIL, 2018). Contudo, defende-se aqui o uso do termo Práticas de Aventura, por compreender que ele apresenta maior abrangência conceitual, evita redundâncias como o pleonasma prática corporal e se alinha às perspectivas culturais e pedagógicas. Como argumentam Severino, Pereira e Santos (2016), não há prática fora do corpo, tornando desnecessária a qualificação corporal. Além disso, Práticas de Aventura não se restringem ao campo esportivo ou de lazer, podendo incorporar dimensões estéticas, educativas e existenciais.

Observa-se, nos estudos analisados, uma inconsistência na adoção terminológica por parte dos próprios autores. Em diversas produções, identificam-se oscilações entre expressões como Práticas Corporais de Aventura na Natureza, Esportes Radicais e Aventura Urbana, sem que se explicitem os critérios que fundamentam tais escolhas. Essas variações não são meramente estilísticas: elas refletem concepções distintas sobre corpo, risco e formação, revelando diferentes matrizes epistemológicas no campo da Educação Física.

À luz do paradigma indiciário, tais escolhas terminológicas devem ser compreendidas como indícios das disputas simbólicas e epistemológicas que atravessam o campo, tornando-se reveladoras dos sentidos atribuídos às práticas em questão. Neste estudo, a opção pela expressão Práticas de Aventura apoia-se em autores como Mayol (1996) e Certeau (1998), cuja compreensão de prática está vinculada à produção cultural cotidiana e à geração de significados no vivido. Ao valorizar o improvisado, a imprevisibilidade e a subjetividade, essa



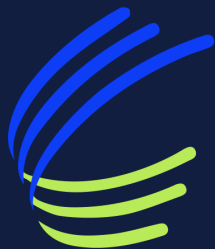
denominação mostra-se mais coerente com a proposta investigativa adotada, a qual privilegia os fragmentos, os detalhes e os rastros elementos centrais no pensamento de Ginzburg (1989).

CONSIDERAÇÕES

A análise realizada evidencia que a inserção das práticas de aventura na Educação Física escolar, conforme as orientações da BNCC, é permeada por ambivalências. De um lado, reconhece-se o potencial formativo dessas práticas, associadas à cultura corporal e à vivência de experiências significativas; de outro, verifica-se que sua efetivação encontra barreiras estruturais, metodológicas e conceituais. As carências materiais nas escolas públicas se configuram como um dos maiores entraves, exigindo dos professores um esforço criativo que, por vezes, encobre a omissão do Estado. A pesquisa revelou ainda que, entre 2019 e 2023, os estudos apresentados nos eventos CONBRACE/CONICE indicam uma presença crescente, embora ainda limitada, das práticas de aventura no GTT Escola, sugerindo um interesse em ascensão, mas com abordagens que, em muitos casos, não exploram suficientemente as dimensões subjetivas, simbólicas e políticas envolvidas.

O uso do paradigma indiciário de Ginzburg mostrou-se uma abordagem metodológica eficaz para revelar sentidos ocultos, elementos sutis e contradições internas nos trabalhos analisados. Essa perspectiva permitiu identificar tensões não apenas na aplicação prática dessas atividades, mas também nas terminologias utilizadas, que alternam entre Práticas Corporais de Aventura, Práticas Corporais de Aventura na Natureza, Esportes Radicais e Aventura Urbana, revelando disputas epistemológicas e a ausência de uma base teórica consolidada no campo. A multiplicidade terminológica aponta para diferentes concepções de corpo, cultura e educação, refletindo a necessidade de maior sistematização e aprofundamento teórico nas produções acadêmicas.

Diante desse cenário, sugere-se que a expressão “Práticas de Aventura” se destaca por contemplar, de forma mais ampla, os aspectos culturais, educativos e subjetivos dessas experiências escolares. Em diálogo com autores como Mayol (1996) e Certeau (1998), essa



terminologia se alinha a uma compreensão mais situada e fluida da prática, valorizando o cotidiano e as múltiplas formas de significação dos sujeitos. Assim, promover essas práticas na escola demanda mais do que sua inclusão formal no currículo: requer investimentos em infraestrutura, formação continuada docente, valorização da cultura escolar local e resistência às lógicas neoliberais que reforçam a pedagogia da escassez. Ao adotar uma leitura sensível baseada nos indícios, este estudo contribui para uma compreensão crítica e emancipadora das práticas de aventura no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo Paraíso; FIGUEIRÓ, Ronaldo; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de. Práticas corporais e Educação Ambiental crítica: possíveis intervenções no cotidiano escolar. *Revista Ciências & Ideias*, v. 6, n. 1, p. 14–25, jan./jun. 2015. Disponível em: .Acesso em: 8 nov. 2024.

ALVES, M. Múltiplas linguagens, interprofissionalidade e as possíveis práticas de saúde no cotidiano de uma escola pública. Relatório Técnico FAPERJ – referente ao Edital FAPERJ N.º E_45/2021 - Programa Apoio à Melhoria do Ensino em Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2025.

BETTI, Marco; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: Acesso em: 8 nov. 2024.

CERTEAU, Michel de. With Luce Giard and Pierre Mayol. **The Practice of Everyday Life**. Vol. 2, Living and Cooking. University of Minnesota Press, 1998.

DA PAIXÃO, Jairo Antônio. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170–182, 2017. DOI: 10.5007/2175-8042.2017v29n50p170. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>. Acesso em: 8 nov. 2024.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana

de Goiânia: um estudo exploratório. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1–16, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e76350. Disponível em: . Acesso em: 8 nov. 2024.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LOPES, G. L. Práticas corporais de aventura no ambiente escolar: desafios e possibilidades. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/9a04cd23-1191-4d67-8128-529c33f3392a>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MAYOL, Pierre. *O bairro*. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 37-76.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e Educação Física: inclusão da temática nos CONBRACEs. In: CONGRESSO SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2014.

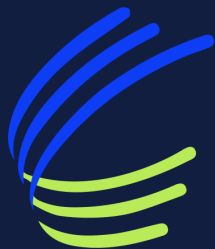
NOVAES, Renato Cavalcanti; TRIANI, Felipe da Silva; TELLES, Silvio de Cássio Costa. A sucata como imperativo da Educação Física na Base Nacional Comum Curricular. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 23.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 2023, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: CBCE, 2023. Disponível em: Acesso em: 6 abr. 2025.

NUNES, F.; JÚNIOR, S. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Disponível em: . Acesso em: 8 nov. 2024.

OLIVEIRA, Nathalia Dória et al. Linguagens e Educação Física na BNCC: uma análise a partir das habilidades prescritas. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 43, 2021. e004421. Disponível em: Acesso em: 8 nov. 2024.

REIGOTA, Marcos. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. Educação e Pesquisa, v. 36, n. 2, p. 539–553, 2010.

RODRIGUES, Leandro Mendes. Tênis de campo e sport education na educação física escolar: análise de uma proposta para os anos finais do ensino fundamental. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Disponível em:



<https://repositorio.unesp.br/items/a9dd3d6e-2b7e-4875-8452-f157f3d62a29>. Acesso em: 8 nov. 2024.

RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. Dimensões – Revista de História da UFES, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, n. 17, p. 213–221, 2005.

SILVA, Rilary Neves da et al. Práticas corporais de aventura: dificuldades e possibilidades na Escola de Aplicação da UFPA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. Anais eletrônicos... Campinas: Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/conbrace-2019/trabalhos/praticas-corporais-de-aventura-dificuldades-e-possibilidades-na-escola-de-aplica?lang=pt-br>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SOUZA, Gabriela C. de; SOUZA, Israel; ALMEIDA, Leandro Gouveia. Curso de extensão em práticas de aventura na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CBCE, 2021. Disponível em: Acesso em: 8 nov. 2024.

TRIANI, Felipe da Silva; NASCIMENTO, Luiz Claudio do. Princípios metodológicos para o ensino dos esportes de aventura: uma proposta pedagógica. Conexões, Campinas, SP, v. 19, p. e021037, 2021. DOI: 10.20396/conex.v19i1.8660657. Disponível em: .Acesso em: 8 nov. 2024.

INÁCIO, H. L. D. et al. Práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um retrato do Brasil? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. Anais eletrônicos... Natal: CBCE, 2019. Disponível em: Acesso em: 6 abr. 2025.

GUIOTTI, L. L.; INÁCIO, H. L. D. Práticas corporais de aventura no ambiente escolar no município de Goiânia: desafios e possibilidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2023, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: CBCE, 2023. Disponível em: . Acesso em: 6 abr. 2025.

SOMBRA, Fernanda Leocádio Bitencourt; ALVES, Marcelo Paraiso. Práticas de orientação: proposição de sequência didática a formação de professores de educação física. Anais do XII CBAA - Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura VI CIAA - Congresso

Internacional de Atividades de Aventura e XII Seminário de Estudos do Lazer, 2022. ISSN: 978-65-86423-29-7 Disponível em: <https://cleber-junior.wixsite.com/seminariodolazer/anais>.

SOMBRA, Fernanda Leocádio Bitencourt; MARTINS, Cassio; ALVES, Marcelo Paraiso. Aventura, práticas de orientação e formação de professores: a potência do pensamento freireano para o ensino superior. *Movimento*, v. 29, p. e29062, 2023.

SOUSA, J. S.; BRAZ, C. A.; PIMENTEL, G. G. A. Descobrimo um percurso híbrido com parkour e capoeira em processo de animação cultural e educação estética na escola de aventuras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 23.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 2023, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: CBCE, 2023. Disponível em: Acesso em: 6 abr.9874